



## Editorial

### A Rebeca, o cinema e a pesquisa no Brasil da pandemia

O primeiro número da Rebeca em 2020 traz o segundo volume do **Dossiê Cinema e espaço urbano**, editado por William Pianco e Pedro Florêncio, com oito artigos que discutem os espaços *nas* imagens e os espaços *para* as imagens e os sujeitos. Com trabalho editorial iniciado há um ano, a publicação do dossiê se encerra em um contexto completamente distinto de sua concepção, com a pandemia de Covid-19 interditando as possibilidades de ocupação dos espaços, inclusive os espaços de circulação do cinema, alterando as lógicas de consumo audiovisual e a nossa relação com as cidades e os espaços domésticos. Na apresentação do dossiê, os editores explicam a composição dos dois volumes e refletem sobre as leituras e diálogos possíveis com os artigos selecionados à luz do contexto de pandemia.

A seção **Temáticas livres** apresenta artigos com abordagens bastante plurais, alguns deles interessados em investigar as relações entre corpo, atuação e dramaturgia. No primeiro, “Figurar o desejo, recriar o corpo: um estudo comparado de Tsai Ming-liang, Claire Denis e João Pedro Rodrigues”, Edson Pereira da Costa Júnior aborda o lugar do desejo sexual na forma fílmica e na representação dos corpos em três filmes: *Adeus, Dragon Inn* (Bu San, 2003), de Tsai Ming-liang, *Bom trabalho* (Beau travail, 1999), de Claire Denis, e *O fantasma* (2000), de João Pedro Rodrigues. Partindo da constatação de que o desejo sexual é o elemento que medeia a experiência dos personagens e estabelece tensões entre o corpo e o mundo, o autor afirma a existência de uma economia libidinal que organiza a estrutura dos filmes. No segundo artigo, intitulado “O domínio experimental no jogo do ator cinematográfico”, Sandro de Oliveira apresenta um inventário de modos de aparecimento do ator experimental no cinema, em um conjunto diverso de filmes de variadas origens, escolas e períodos históricos – não apenas obras inscritas no domínio do que se toma por cinema experimental. Em uma leitura política do fenômeno, Oliveira afirma o ator experimental como capaz de operar uma desestabilização do cinema enquanto instituição burguesa. Em seguida, Pedro Drummond se dedica também às relações entre dramaturgia, corpos e espaços, sob a chave da indiscernibilidade, no terceiro artigo da seção, “*Era o Hotel Cambridge - Entre a reforma e a demolição*”. O texto explora os modos como o filme em questão se produz afetado pelas contingências do mundo histórico no qual intercede, mais especificamente a luta pela moradia, um edifício ocupado e as incertezas das vidas das pessoas envolvidas com o movimento.



No quarto artigo, “As rachaduras do olhar: para uma revisão do problema escópico em *Janela Indiscreta*”, Eduardo Brandão Pinto apresenta uma interpretação original do filme *Janela Indiscreta* (1954), de Alfred Hitchcock, propondo um deslocamento em relação ao entendimento consolidado das janelas de Hitchcock como espelhamento ou metanarrativa, e o personagem que olha pela janela como espectador inscrito no filme. A leitura do autor busca afirmar a imagem da janela como imagem cinematográfica, bem como sugerir um novo estatuto do problema escópico no filme. O quinto artigo da seção, “Tessituras labirínticas: a *mise en abyme* e a metalepse como ramificações da narrativa em *Bandersnatch*, episódio da série *Black Mirror*”, de autoria de Alexandre Rodrigues da Costa, explora os conceitos de Cronos e Aion, de Gilles Deleuze, para investigar a referida obra. O autor aborda a abertura do episódio em múltiplas narrativas que justapõem duas noções de tempo – Cronos e Aion – por meio da interatividade. O sexto artigo, “O roteiro e suas relações com os modos de produção no cinema brasileiro dos anos 1950: uma análise a partir de quatro estudos de caso”, assinado por Natasha Romanzoti, apresenta uma abordagem histórica do roteiro cinematográfico, com uma discussão sobre possíveis reflexos da dicotomia cinema industrial *versus* cinema independente nos roteiros dos filmes *O Homem do Sputnik* (1959), *O Grande Momento* (1958), *Esquina da Ilusão* (1953) e *Agulha no Palheiro* (1953).

Este número da Rebeca traz também, na seção **Entrevista**, uma conversa com o multiartista Welket Bungué, da Guiné Bissau, intitulada “De corpos periféricos ao cinema de autorrepresentação”, realizada por Ana Camila Esteves, Jusciele Oliveira e Morgana Gama no âmbito do projeto cineclubista Cine África. De origem africana, Bungué se criou na Europa (em Portugal), morou no Brasil e atualmente reside na Alemanha. Cineasta, ator, roteirista, produtor e editor, desenvolve sua obra audiovisual em paralelo com uma densa reflexão sobre sua condição de sujeito em permanentes deslocamentos.

A seção **Tradução** publica em português o texto “O Laboratório Imaginário: Práticas Especulativas Localizadas”, de Jussi Parikka, pesquisador de Teoria das Mídias e professor na Universidade de Southampton. A tradução foi feita por Leonardo Silva Souza e Thawan Dias Tannes, que somam esforços às iniciativas de aumentar a circulação do pensamento de Parikka no Brasil. Agradecemos aos autores da tradução pelo trabalho e pela negociação para cessão dos direitos de publicação do material na Rebeca.

A seção **Resenha** é dedicada à apresentação do livro “Realidade Lacrimosa: o melodramático no documentário brasileiro contemporâneo” (Eduff, 2019), de Mariana Baltar, feita por July Manghirmalani. A resenha apresenta o modo como o livro explora



dois eixos temáticos principais – o acesso à memória e o pacto de intimidade – como chaves de leitura para filmes como *Um Passaporte Húngaro* (Sandra Kogut, 2001), *Ônibus 174* (José Padilha, 2002), *Edifício Master* (Eduardo Coutinho, 2002) e *Estamira* (Marcos Prado, 2004).

A seção **Fora de Quadro** encerra esse número da revista com dois textos: o primeiro é o ensaio “Tempo em Tonacci, Mozos e Oliveira”, de Waleska Antunes, que explora diferentes formas de figuração do tempo: o tempo enquanto mistério, no filme *Já Visto, Jamais Visto* (2013), de Andrea Tonaccio; tempo enquanto amor, em *Outros Amam as Coisas que Amei* (2014), de Manoel Mozos; e o tempo como memória, em *Visitas ou: Memórias e Confissões* (1982), de Manoel de Oliveira. O segundo texto é “*La Red de Investigadores sobre Cine Latinoamericano (RICiLa). Cartografía de las problemáticas abordadas en el último lustro*”, de Javier Cossalter, que apresenta a Rede de Pesquisadores sobre Cinema Latino-Americano, identificando seus integrantes e projetos de pesquisa. Criada em 2011, a rede conta atualmente com cerca de 240 pesquisadoras e pesquisadores em 28 países. O trabalho de Cossalter fornece um mapa das principais abordagens e problemas histórico-analíticos em torno dos cinemas produzidos na América Latina.

A região é tema do próximo dossiê da Rebeca, a ser publicado na edição de dezembro de 2020, “Cinemas e audiovisualidades queer/kuir/cuir no Brasil e na América Latina”, editado por Dieison Marconi (ESPM-SP) e Alessandra Brandão (USFC).

Retomando o início deste editorial, o número 17 da Rebeca (v. 9, n. 1) é publicado em um momento de dificuldades inéditas para o Brasil, quando, ao clima de instabilidade política que vinha se fazendo presente no país, soma-se a dor pelas vítimas da Covid-19 e a falta de perspectivas de resolução do problema a curto prazo. Diante de todas as urgências que se impuseram no primeiro semestre de 2020 e de todas as restrições que vivem a comunidade universitária e o campo da pesquisa no Brasil, a equipe envolvida na produção da Rebeca e a diretoria da Socine agradecem a todas as pessoas que contribuíram generosamente com este número, seja enviando seus trabalhos ou atuando como pareceristas, e desejam saúde e força a toda a comunidade Socine.

Gabriela Almeida